



**POSSIBILIDADES DE UM CUIDADO AMBIENTAL POR ENTRE UM
COTIDIANO ANTROPOCÊNTRICO:
discurso, mídia e representação**

Isabel Ribeiro Marques¹

Roger Albernaz de Araujo²

Resumo: O presente texto toma forma, a partir da necessidade de poder compartilhar anseios e desassossegos que, de algum modo fazem emergir uma problemática na composição do conceito de Cuidado Ambiental. Como o cuidado ambiental tornou-se o que é? Como e por que se produz a expressão das verdades ambientais contemporâneas? E, para que a escrita ganhasse voz, ao invés de uma metodologia previamente definida, investiu-se em um conjunto de procedimentos, funcionando na conexão entre três planos: Plano de Referência, a partir do conceito dos modos de subjetivação, de Michael Foucault; Plano de Criação, costurando os conceitos de Plano de Imanência e Plano de Composição, de Deleuze e Guattari; e o Plano de Recursividade, a partir do conceito de Eterno Retorno, de Nietzsche. Problematizando discursos e verdades instituídas, deseja-se criar possibilidades de rabiscar uma ética ambiental, como um cuidado de si e do ambiente e quem sabe, tornar efeito em algum outro conceito de cuidado ambiental.

Palavras-chave: educação, cuidado de si, cuidado ambiental.

**POSSIBILITIES OF AN ENVIRONMENTAL CARE IN BETWEEN AN
EVERYDAY ANTHROPOCENTRIC: speech, media and representation**

Abstract: This text takes shape, from the need to be able to share anxieties and unrest that somehow bring out a problematic in the composition of the concept of environmental care. As environmental care has become what it is? How and why it produces the expression of contemporary environmental truths? And to gain that writing voice, instead of a previously defined methodology, invested in a set of procedures, working on the connection between three planes:

¹ Doutoranda em Educação Ambiental – FURG; Mestre em Educação e Tecnologia - IFSUL (2015); pós graduada em Direito Ambiental – UFPEL; graduada em Direito (2005) e em Ecologia (2008), ambos pela UCPEL. Bolsista CAPES. E-mail: isabel.marques.82@gmail.com

² Pós - doutorando - PNPd/UFRGS, Doutor em Educação – UFRGS (2007), Mestre em Educação – UFPEL (2002), Professor Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, atuando no Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação e Tecnologia e na Licenciatura em Computação. E-mail: roger.albernaz@gmail.com

Reference Plane, from the concept of subjectivity modes, Michael Foucault; Creation Plan, sewing the Immanence Plan concepts and Composition Plan, Deleuze and Guattari; and the Plan of recursion, from the concept of Eternal Return of Nietzsche. Speeches and questioning established truths, you want to create opportunities to scribble an environmental ethics as a care of themselves and the environment and perhaps make effect in some other concept of environmental care.

Keywords: education, self-care, environmental care.

INTRODUÇÃO

Na visão antropocêntrica, o termo meio ambiente vem sendo disseminado pelo senso comum, evidenciando-se o utilitarismo dos recursos naturais para a sustentação da vida humana, demonstrando, talvez, um reducionismo conceitual. Pode-se dizer que o homem, de uma maneira bem geral, habituou-se a deliberar em relação aos recursos naturais, baseado em uma ideia infundada de progresso. Um raciocínio de uma lógica que direciona a importância apenas para uma matriz de produção. Um enfoque antropocêntrico³, que muitas vezes não permite pensar sobre a ética ambiental. Assim, o mundo, dito contemporâneo, habituou-se a deliberar a partir de análises econômicas e científicas, sem qualquer preocupação com os aspectos éticos envolvidos ao se tratar de Cuidado Ambiental.

Para se tentar saber como se chegou aonde se chegou, acredita-se conveniente traçar um breve histórico da relação humana com os recursos naturais, para tentar compor um desenho da situação atual em que o planeta se encontra, em termos de cuidado ambiental. Ao tratar de histórico ou de história, apoia-se no pensamento de Deleuze (2010, p. 214) onde o autor comenta que a história capta do acontecimento a sua “efetuação em estados de coisa, mas o acontecimento em seu devir escapa a história. A história não é a experimentação, ela é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa a história” Ressalta-se esse trecho para alertar que o que se capta da história, também tem relação com o plano de referência estabelecido. Ou seja, são elencados pontos que sustentam a análise histórica, que por sua vez, compuseram a ideia de cuidado ambiental propagada atualmente.

A primeira vez que se viu o planeta Terra do espaço produziu um golpe de grandes proporções na visão antropocêntrica; ao olhar de longe, a Terra era azul, redonda e

³ A concepção do homem como o centro do universo baseia-se na ideia de que o homem é o centro do universo, sendo que é no contorno desse centro que habitam todos os demais seres vivos, tomando o homem uma referência absoluta de valores, colocando os propósitos humanos por cima de quaisquer interesses de indivíduos de diferentes espécies (MILARÉ, 2013, p. 104).

pequena, então àqueles que se imaginavam senhores do mundo, ao menos na versão do Renascimento europeu, viam-se passageiros de um pequeno, finito e solto planeta, e assim, ideias começaram a despir-se de conceitos filosóficos e científicos para tornar-se uma imagem, que não possui fronteiras, a não ser as da própria natureza, dos continentes, dos oceanos, e assim mesmo, diluídas, vagas e efêmeras (PORTO-GONÇALVES, 2011, p. 11).

Um tanto mais longínquo, a natureza era a “mãe terra”, ou então Gaia, de acordo com o antigo mito grego da “deusa terra”, o mito da criação, o mito da dança de Gaia:

A lenda da dança Gaia começa com uma imagem, de uma rede moinho de névoa na escuridão do nada chamado Caos pelos antigos gregos – uma imagem que nos lembra fotos modernas de galáxias rodopiando no espaço. De acordo com o mito, é a divindade dançante Gaia, envolta em alvos mantos, em volteios através da escuridão. Conforme ela vai se tomando visível e sua dança engrandece, cada vez mais vívida, seu corpo se transforma em montanhas e vales; então o suor brota dela para transformar-se em mares e, finalmente, seus braços voadores revolvem um céu emaranhado que ela chama Ouranos – a palavra grega que ainda designa o céu que a envolve como protetor e consorte (SAHTOURIS, 1991. p. 21)

Um endeusamento das forças naturais, venerações que se enfraqueceram e perderam-se para grande parte das culturas. Para Vattimo e Von Zuben (et al REIGOTA, 2010, p. 7- 8) os questionamentos que remetem à análise para o que se entende por mundo natural e, conseqüentemente, ao que se entende por natureza e por vida, ainda estão carregados de tradições morais e religiosas, dogmáticas e totalitárias e retratam a questão histórica da segunda metade do século XX onde pairava uma hegemonia do elogio incondicional à ciência, elaborada em discursos filosóficos, literários e artísticos, que por conseqüência marcaram época no debate ético, cultural, científico e político.

Venerava-se os raios, o sol, a água, o vento. Hoje, talvez, essa ideia de mundo, habita, grita e venera a natureza, apenas dentro de capas empoeiradas de livros antigos. E, habita, talvez menos o corpo, que assume uma função muito mais contemplativa, muitas vezes de receio, de distanciamento, como se de alguma maneira, homem e natureza, pudessem compor elementos que, isoladamente, fizessem sentido⁴. Questiona-se, quando, como e por que se perdeu o vínculo com o natural? Houve um distanciamento? Onde? Quando?

⁴Nesse sentido, recorda-se dos empreendimentos imobiliários que preconizam a importância de se viver próximo a natureza, a contemplação das paisagens naturais, e, ao mesmo tempo, os empreendimentos imobiliários acabam suprimindo grande parte da vegetação natural para reproduções artificiais da ideia comum de meio ambiente.

Ao ser estabelecida essa separação, a visão representacionista em muitos casos, acaba culminando com graves distorções de comportamento, tanto em relação ao ambiente, quanto ao que diz respeito à alteridade⁵, assim o representacionismo estimula que se siga acreditando que o homem é separado do mundo e que assim seguirá sendo independentemente da experiência humana (MATURANA; VARELA, 2011, p. 9).

Nesse contexto, possui-se a disseminação das ideias sobre o Cuidado Ambiental, muitas vezes prontas, difundidas de antemão, em um representacionismo desconectado dos processos de subjetivação envolvidos. Empresas estampam em seus rótulos que são “amigas da natureza” e o marketing verde está em todos os lugares. E assim, tem-se toda uma produção disponível ao consumo. Produção de valores e de sentidos, os quais conduzem a uma visão de mundo esperada, determinada por regras e garantida pelo poder imperativo que as resguardam. A imagem do que o ambiente deve ser e o que se deve fazer, ou não, para que isso seja alcançado. As famosas e vigentes ideias de Cuidado Ambiental!

METODOLOGIA

Nesse caso, em particular, percebe-se o desejo de articular um modo e não o método; desejo explícito da criação de um percurso de pesquisa, que possa descobrir seu caminho pela caminhada, diluindo a necessidade de ter que chegar a um fim determinado a partir de um início previamente traçado.

Para tentar tecer fios que compõe essa teia, buscou-se, não uma metodologia, nada previamente definido para dar voz a essa escrita; ao contrário, investiu-se em um conjunto de procedimentos abstraídos em máquina-método (DE ARAUJO, 2015) como forma de composição de planos, que funcionam pelo agenciamento de procedimentos que possam articular o território que é; ou seja, agenciar procedimentos que possam trazer à superfície a estética do que acontece em termos de atualidade na área de pesquisa que se deseja abarcar. Isso, abre a possibilidade também para a criação de procedimentos que possam investir no desejo de transformação daquilo que é, e na possibilidade de um vir a ser. Isso, ainda em um processo de recursividade contínua. Ou seja, um processo que retorna sobre si em um movimento de dobradura do tempo e do espaço. O que acontece produz um corte, uma marca, uma estética, mas, simultaneamente, um fluxo se produz

⁵Alteridade no sentido de se colocar no lugar do outro: “se adotamos uma filosofia do eu, em estilo cartesiano, o outro não passa de uma representação do eu, a ser absorvido pelo eu. Em outras palavras, não há, de fato, alteridade (GALLO, 2008, p. 4).

como possibilidade de retorno; um novo lance de dados⁶. Encontra-se então um programa de procedimentos, um modo de pesquisa que funciona na conexão entre três planos: um Plano de Referência, a partir do conceito dos modos de subjetivação, de Michael Foucault; um Plano de Criação, a partir de uma costura dos conceitos de Plano de Imanência e de Plano de Composição, de Deleuze e Guattari; e um Plano de Recursividade, a partir do conceito de Eterno Retorno, de Nietzsche.

Um Plano de Referência, em consonância com o pensamento de Foucault, busca pinçar os processos vivenciados, processos de subjetivação que produzem as maneiras de ser, de pensar e de agir, ou seja, por efeito produz o que se é. Para tanto, em um traçado genealógico de análise, deseja-se costurar um plano de referências que emerja de um processo ético de como e por que cada um se torna o que é. Inferir sobre o que se sabe e o que se nomeia que se sabe, e assim, aproximar-se dos saberes que balizam o olhar que se produz. Ao questionar o como e o porquê das coisas, como estas coisas se tornam o que são, procede-se um caminho genealógico, que declina da necessidade de saber o que é, para tentar entender como isso que é, tornou-se o que é. Um foco no processo de produção das coisas e não nas coisas em si, como forma de tentar fugir do processo de representação das coisas.

Destarte, um Plano de Criação, funciona como elemento constitutivo de uma formação. Neste texto, um Plano de Criação, acontece pelo agenciamento de dois conceitos de Deleuze e de Guattari: Plano de Imanência⁷ e Plano de Composição⁸, aonde o Plano de Imanência não é o caminho, e sim um percurso, um conjunto de coordenadas por onde os conceitos passam, na composição de um desejo de pesquisa que compõe o próprio percurso

⁶Quando os dados lançados afirmam uma vez o acaso, os dados que caem afirmam necessariamente o número ou o destino que traz de volta o lance de dados. É nesse sentido que o segundo tempo do jogo é também o conjunto dos dois tempos ou o jogador que vale para o conjunto. O eterno retorno é o segundo tempo, o resultado de lance de dados, a afirmação da necessidade, o número que reúne todos os membros do acaso, mas também o retorno do primeiro tempo, a repetição do lance de dados, a reprodução e a reafirmação do próprio acaso. O destino no eterno retorno é também a "boa-vinda" do acaso: "Faço ferver em minha marmitta tudo o que é acaso. E somente quando o acaso está no ponto, eu lhe desejo boas-vindas para comele fazer minha alimentação (DELEUZE, 1976. p. 23).

⁷ "O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se da no que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem" (DELEUZE, G., GUATTARI, F, 2007 p. 53).

⁸ "e um plano de composição, em que a sensação se forma contraindo o que a compõe, e compondo-se com outras sensações que ela contrai por sua vez. A sensação e contemplação pura, pois e pela contemplação que se contrai, contemplando-se a si mesma a medida que se contempla os elementos de que se procede. Contemplar e criar, mistério da criação passiva, sensação. A sensação preenche o plano de composição, e preenche a si mesma preenchendo-se com aquilo que ela contempla" (DELEUZE, G., GUATTARI, F, 2007 p. 272).

com os rastros por onde os conceitos escorrem, escorregam e compõem a imagem do pensamento de um Cuidado Ambiental.

Por sua vez, o Plano de Composição revolve potências, intensidades sensíveis, afectos e perceptos⁹, que transbordam em afecções e percepções ordinárias. O Plano de Composição é o plano da arte. Potências de afectos e de perceptos, que se produzem pelo transbordamento de afecções e percepções ordinárias, assim como os conceitos transbordam as opiniões correntes (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 213). Cada um sente, e tem-se afetado de diferentes maneiras, e nada mais afirmativo do que a arte para exprimir essas potências.

Em um terceiro movimento, utiliza-se o conceito de "eterno retorno"¹⁰, de Nietzsche, que possibilita o regresso do olhar sobre o que há, sobre o plano de organização, que produz a significação do que se tem como existente. Com a possibilidade de múltiplos olhares busca-se a diferença, nas maneiras de pensar sobre as percepções que tomam a superfície, proporcionando a tentativa de fuga da representação¹¹ do que é, do contexto pronto, dado e acabado. Assim, deseja-se o funcionamento dessa máquina articulada com três potentes conceitos para poder pensar e sentir a composição de um contexto de um Cuidado Ambiental. Um procedimento de pesquisa vivo, que deseja possibilitar um olhar a cada retorno, e que deseja desdenhar do caminho bem definido, que insiste em explicar e indicar um trajeto a ser percorrido. Procedimento que deseja poder experimentar preencher um percurso no sentido de poder produzir encontros, mesmo que não se saiba por onde se vai, mesmo que não se sabe onde se vai chegar e mesmo, se se vai chegar.

E, com essas potências, conceitos articulados em planos que se podem articular, entrecruzar, enredar, é que a tessitura deste texto foi sendo consumada. Pelas

⁹Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele e fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, e ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE, GUATTARI, 2007, p. 213).

¹⁰ “O eterno retorno não tem outro sentido além deste: a ausência de origem assinalável, isto é, o assinalamento da origem como sendo a diferença, que relaciona o diferente com o diferente para fazê-los retomar enquanto tais. Neste sentido, o eterno retorno é bem a consequência de uma diferença originária, pura, sintética, em si (o que Nietzsche chamava de vontade de potência)” (DELEUZE, 2006, p. 125).

¹¹Representação no sentido de reproduzir sem questionar, muito se buscou inspiração em o Platão e o Simulacro, “o platonismo funda assim todo domínio que a filosofia reconhecerá como seu: o domínio da representação preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento” (DELEUZE, G. 2007. p. 264).

vozes do referencial teórico implicado, e pelo movimento dos planos criados, deseja-se produzir assim, um rabisco do conceito de cuidado ambiental.

REPRESENTAÇÃO E REDUACIONISMO CONCEITUAL

Atualmente, está-se diante de um bombardeio de ditos sobre todas as coisas, dentre elas a crise ambiental. Discursos que circulam diariamente nos veículos de comunicação de massa, conduzindo a maneira que a sociedade *deve* olhar esses problemas ambientais (VIEIRA; HENNING, 2013, p. 3).

Em se tratando de cuidado ambiental, muitas vezes não se enxerga a coisa, e, sim, a linguagem construída da coisa; imagem traduzida; e, os tradutores nem sempre são confiáveis. Mesmo que se saiba, que a própria sociedade reconduz a um padrão de tentativa de molde e, que a generalização, que produz os universais, funciona como marca de um conjunto identitário, o qual pode ser afetado por enunciados e códigos que afetam a todo um coletivo; isso funciona para o “aparelho de estado”¹² como estratégia de sujeição; desprezando-se a singularidade criativa de cada um, pela opção de uma generalização que impõe a visão de um comum a todos.

Guimarães (2011, p. 9) ilustra que os apelos ambientais são verificados em diferentes segmentos de consumo; agora pode-se comprar carros considerados verdes, ler livros e revistas verdes, as hospedagens podem se dar em hotéis que estão atentos à sustentabilidade de suas práticas; até mesmo algumas instituições bancárias alegam que são mais interessantes, pois primam pela gestão ambiental. Assim passa-se a estar à mercê de um mercado de novos negócios e de novos valores econômicos denominados verdes.

A sociedade, encontra-se numa infantilização regressiva, e os jovens são cada vez mais moldados pelas informações superficiais distribuídas pelos meios de comunicação de massa. Acontece, que a grande maioria não se questiona sobre as ideias que estão sendo estipuladas de antemão, enquanto se imagina que se está escolhendo o que realmente se necessita (GUATTARI, 2000, p. 8).

Efetivamente, então, o que se entende por meio ambiente neste senso comum que se ergue, através das informações difundidas nos veículos de comunicação? O que se entende por natureza? Como se pensa atualmente o homem no meio ambiente e na natureza? Como se dá o atravessamento por esses discursos que anunciam um mundo

¹² No caso, o conceito de “aparelho de estado” refere-se a discussão promovida por Deleuze e Guattari em “Mil Platôs, vol. 5”, quando encaminham o Platô do “Tratado de Nomadologia”, no qual agenciam a possibilidade do funcionamento de uma “Máquina de Guerra”, duplamente articulada a um “Aparelho de Estado”, no qual o que toma a superfície enquanto acontecimento, acontece entre o tensionamento desta relação.

Embora seja perceptível que revistas deste segmento dispõe de uma série de propagandas relacionadas à algum apelo ambiental, foram encontrados sempre, mais de dezesseis imagens publicitárias, pelas quais a questão ambiental aparece de alguma maneira sendo citada. A Figura 2 foi montada com duas propagandas; na esquerda da “Revista Caras” e na direita da “Revista AG Revista do criador”, para demonstrar que esse tipo de apelo acaba sendo verificado em meios de comunicação que atingem diferentes públicos. Ou seja, a captura é pulverizada:



Figura 2: Revista Caras edição 1083 de agosto de 2014 e AG Revista do criador no 181, Editora Centauros, Edição de outubro de 2014

Nisso, recorda-se dos intercessores¹³ de Deleuze (2010, p. 160), que ao tratar da do processo de intercessão na criação de uma obra, chama a atenção da existência de um plano definido de antemão, que já diz o que são as coisas, o que elas expressam, configurando, assim, o que se pode verificar os domínios articulados. E, é nesse contexto, que se pode ter verificado o discurso do aparelho do estado; sem deixar de pontuar que, possivelmente, essa matriz discursiva do estado encontra-se comprometida com um determinado ideário. Uma programação que acaba tornando-se parte da configuração que sustenta esse discurso. Não porque se pensa, mas porque se repete o que já foi dito, o que já foi pensado.

¹³ “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas (...) mas também, coisas, plantas, até animais. (...) é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é invisível (DELEUZE, 2010, p. 160).

O que inquieta, ganha a ordem do conformismo, em um contentamento com as informações, que são distribuídas em relação ao cuidado ambiental. Como se cada um que fizesse sua parte, assim como os meios de comunicação coordenam, fizesse bem. Estar-se-ia então praticando um comportamento esperado, e ponto.

A VERDADE AMBIENTAL: BOA OU MÁ PARRESIA?

Analisando as práticas correntes que envolvem as questões ambientais, as opiniões prontas sendo pulverizadas sem muitas vezes o mínimo de pensamento sobre os aspectos envolvidos, tem-se que a proceder uma relação com a parresia¹⁴. Parresia como liberdade de tomar a palavra e, na palavra, exercer a fala franca, onde se serve do discurso, mas, do discurso sensato, do discurso de verdade¹⁵, não de uma mera franqueza¹⁶ desconectada do que realmente se acredita para agradar a maioria.

Salienta-se, que ao chamar ao texto o conceito de parresia, não se intenta prover uma discussão com o conceito de isegoria¹⁷, mesmo que estes estejam próximos. Mas como forma de esclarecimento, explicita-se que a isegoria representa o direito concedido a todos de tomar a palavra, de falar, sob todas as formas que essa palavra possa assumir. O que faz a principal diferença entre a isegoria e a parresia é a contenda entre poder falar e dizer tudo o que pensa (isegoria), e a verdade, que evidentemente se arraiga nessa isegoria, se referindo a ideia de que se diz o que efetivamente se pensa, aquilo em que realmente se acredita; parresia como profissão de verdade (FOUCAULT, 2010, p. 171).

Nesse sentido, o presente texto, busca aproximar-se a ao máximo da parresia, no encontro à expressão da verdade, servindo-se de um discurso, sim, mas de um sensato

¹⁴No presente texto, a expressão foi baseada em Michel Foucault, mais precisamente na obra *Governo de Si e dos outros* “Um dos significados originais da palavra grega parresia é o “dizer tudo”, mas na verdade ela é traduzida, com muito mais frequência, por fala franca, liberdade de palavra” (FOUCAULT, 2010, p. 42).

¹⁵Destaca-se que ao tratar-se de verdade, fuge-se também do sentido tosco da palavra, como algo definitivo. “A verdade é produzida graças a múltiplas coerções” e produz efeitos regulamentados de poder; cada um, cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política de verdade, quer dizer, os tipos de discurso que são acolhidos e que funcionam como verdadeiros (FOUCAULT, 2000, p. 16).

¹⁶“Então, vou corrigir essa definição corrente da palavra parresia dizendo: não é simplesmente essa liberdade de palavra, é a franqueza, é a profissão de verdade. Dito isso, é evidente que essa noção, esse termo parresia é às vezes, muitas vezes mesmo, empregado num sentido de todo corrente e fora de qualquer contexto, de qualquer armadura técnica ou política” (FOUCAULT, 2010 p. 171).

¹⁷“no sentido etimológico do termo: a igualdade de palavra, isto é, a possibilidade para todo indivíduo de ter acesso à palavra, devendo a palavra ser entendida em vários sentidos: pode ser tanto a palavra judiciária quando, seja para atacar, seja para se defender, pode falar nos tribunais; é também o direito de dar sua opinião, seja para uma decisão, seja também para a escolha dos chefes por meio do voto; a isegoria é, enfim, o direito de tomar a palavra, de dar sua opinião durante uma discussão, um debate” (FOUCAULT, 2010, p. 140).

discurso de verdade, com a verdade mais sincera que abarca, tomando uma noção diferente do que se entende por verdade, atualmente (DELEUZE; GUATTARI, 2007).

Ao pensar a questão ambiental, tem-se ideias difundidas construídas pela retórica da verdade de um povo, não através da produção de um valor, mas algo que parece distante dos reais processos de subjetivação envolvidos. O conceito de Cuidado Ambiental está sujeito a quem? A si enquanto sujeito já fundamentado, e há quem mais? Quais subjetividades estão presentes no conceito ambiental? Qual é a verdade ambiental? Aproxima-se da ideia de parresia, visto que na contemporaneidade tem-se uma expressão da verdade, porém é a expressão normatizada, normalizada, construída da verdade; não é verdade de si; não busca o cuidado de si, e, sim comum a todos. Fabricada, não tem base na ética, na ética como possibilidade de um conhecimento e um cuidado de si. Tem-se, então, uma verdade moral, para o cuidado e o governo dos outros, como um modo de exercer o poder pelo dizer, e pelo dizer-a-verdade; uma “má-parresia”, que faz circular ideias e ideais de verdade e de ideologias prontas para o consumo.

O “mau-parresiasta” provém de qualquer lugar; ele diz, ele opina, mas não representa a opinião que realmente pensa, tampouco acredita que sua opinião seja verdadeira, apenas repassa a opinião da maioria, a mais recorrente. O falso discurso não é dotado de coragem e, sim da busca por segurança e acolhimento; busca o “todo o mundo” e o “qualquer um”; diz tudo e qualquer coisa, contanto que seja bem recebido por qualquer um, isto é, por todo o mundo (FOUCAULT, 2010, p. 168). Do mesmo modo, têm-se ideias construídas sobre meio ambiente, de um modo vago, em máximas prontas, em toda uma embalagem discursiva repassada como um produto ao consumidor, que está apto ao imediato consumo: proteja o meio ambiente! Separe seu lixo! Recicle! Economize água! Não demore no banho! Preserve! Faça sua parte! Seja amigo da natureza!

A partir de Foucault (2010, p. 155) pode-se tentar articular o conceito de parresia às questões ambientais, no sentido de que seja possível transcender a corriqueira pretensão de emitir o tempo todo opiniões e juízos, impondo uma maneira de como as coisas devem ser, sob pena de se produzir discussões intermináveis embebidas em clichês¹⁸.

¹⁸ Para tentar ilustrar ainda mais o pensamento do autor, cita-se exemplo do livro que pode auxiliar o entendimento sobre a parresia: “é um *autourgós*: alguém que trabalha com as próprias mãos. Não é de modo algum, se vocês preferirem, um operário agrícola, nem um serviçal, mas um pequeno lavrador que pega no arado, que tem uma terra, um lotezinho que ele cultiva e pelo qual luta. É o que o mensageiro menciona no texto quando diz: pertence a essa categoria de gente que salva sua terra”.(FOUCAULT, 2010, p. 155).

De acordo com o que preceitua Foucault (2010, p. 155) para que haja a verdadeira parresia, necessita-se ter coragem, àquela coragem do soldado, daquele que é capaz de defender sua terra, e estar sempre pronto para participar das lutas oratórias; necessita, também, de uma coragem cívica diante das práticas, que tentam bajular e atuar, em concordância com as normas, normalmente, aceitas pela sociedade; necessita ser íntegro e preocupado com o que se propôs a falar e, antes de tudo, prudente. Ou seja, em suma a parresia requer três virtudes: intelectual, moral e da coragem.

Parresia, como a verdade do ambiente, enquanto a conquista de um cuidado com este ambiente; isso em uma relação ética de cuidado com o ambiente, no sentido de buscar a percepção de como este ambiente torna-se o que é, a partir das relações ético-políticas que o constitui. Uma atitude de resistência na afirmação de um ato de cuidado; uma atitude de ética ambiental, que resiste à expressão da verdade do senso comum; um ato de resistência à uma mecânica que estabelece as posições que o sujeito deve ocupar nas relações com o ambiente, provendo assim, uma moral ambiental. Ou seja, a parresia funciona como possibilidade de transcender o discurso corrente sobre as questões ambientais, produzindo uma ética, um cuidado não somente com o ambiente, mas com as palavras que nomeiam este ambiente por uma “ordem do discurso”¹⁹.

DEVIR E PENSAMENTO

Para explicitar a ideia, proclamada e difundida pelo senso comum, sobre o que é meio ambiente, basta realizar um rápido exercício de procura em um site de busca na internet. Digitando-se, por exemplo, no site de pesquisa Google²⁰, a palavra “ambiente”, e selecionando a busca por imagens, ter-se-á, rapidamente como resultado, entre outras, a imagem representada na Figura 3.

¹⁹ Michel Foucault, “A ordem do discurso”. Aula inaugural no *College de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

²⁰ Site de busca www.google.com, acessado dia 24 de dezembro de 2013.

todos e qualquer um, acham-se no direito de se posicionar no que se refere ao meio ambiente, emitir seu juízo e proclamar seu discurso; isso faz do meio ambiente um território da livre expressão e do domínio público. Loureiro (2006, p. 42) comenta que essa pregação conjunta de todos, tratados como sujeitos atemporais e inespecíficos, levam a uma simplificação da questão ambiental, que almeja soluções paliativas, imediatas, que muitas vezes, são úteis em determinadas conjunturas, para determinados grupos, mas que, praticamente, não passam disso.

De algum modo, têm-se presenciado grandes movimentos em prol do ambiente, mas uma breve recorrência a uma leitura mais atenta dos discursos circulantes, para verificar que muitas dessas práticas visam agradar ao mercado vigente, para o qual vale o slogan de que é ‘bonito ser sustentável’. Além disso, o mercado criou uma via de mão única entre os recursos e os resíduos, aonde se privatizam os ganhos econômicos, e “socializam-se” as perdas ambientais. Ou seja, poucos utilizam o lucro, enquanto que os malefícios são compartilhados por todos (SEABRA, 2013, p. 20). Ou seja, os lucros continuam sendo capitalizados como direito de uso privado, enquanto os prejuízos são socializados como dever público de todos.

A partir disto, pode-se ponderar que as relações humanas na vida em sociedade têm-se, progressivamente, deteriorado, seja nas questões psicossociais, seja nas relações com a natureza. E, não são apenas as questões mais visíveis de uma nocividade mais explícita, mas, também, posições de passividade, de desconhecimento, de alienação, individuais e coletivas, ou seja, catastróficas ou não, as alterações do ambiente ou da vida são aceitas tais como são (GUATTARI, 2000, p. 24). O mundo acostumou-se a eliminar a pertinência das intervenções, e esse perecimento das práxis sociais acaba por excluir as ideologias e os valores (idem).

CONSIDERAÇÕES

No limite da necessidade de uma saída, tenta-se rememorar as escolhas feitas por entre os trajetos produzidos, pelos os caminhos postos, pelos conteúdos e as expressões experimentas. E, neste percurso, encontrou-se a expressão de cuidado ambiental posta como um plano já definido, por entre discursos de um aparelho de estado que, cuidadosamente são expostos na prateleira aonde ganham visibilidade e produzem uma necessidade incontida de consumo. Produtos que alimentam o corpo e o pensamento, reproduzindo as ideias estabelecidas que demonstram de antemão a maneira que se deve tratar e cuidar das questões ambientais, através de domínios previamente articulados.

Atreve-se a dizer que um indivíduo, numa visão mais cuidadosa, configura-se, em princípio, em um coletivo. Um estado individual que já se encontra preenchido de antemão por um coletivo de pensamentos. De um lado as intensidades que funcionam com potência da criação de algo, de outro, os aparelhos de captura, prontos a impor uma má-consciência nas escolhas individuais, uma moral nas escolhas coletivas, o que acaba por introjetar marcas de uma existência. Assim, sem permissão para cruzar a fronteira, por vezes, permanece-se em um ir e vir por entre a própria consciência e os próprios desejos. Marcas de tudo aquilo que foi ressentido e não conseguiu transpor o desejo.

A expressão de verdade difundida e propagada provém do sustentáculo de referência do que as pessoas têm. Frutos do plano de referência construído em cada percurso, porém com intensa sobrecarga dos artificios dos mecanismos de captura da sociedade, que controla e comanda, mesmo que de forma silenciosa cada passo dado, quiçá, pensado. Além dos aspectos subjetivos, a matriz discursiva já orienta sobre a noção que cada um tem sobre determinado assunto. Ou seja, a matriz discursiva, conformada com o aparelho de estado, representa e distribui a ideia de cuidado ambiental corrente e hegemônico, etéreo objeto de difusão dos direitos e dos deveres ambientais.

Neste contexto, buscou-se puxar alguns fios, entre àqueles que tecem tantas amarras desta existência possível; algo muito longínquo de uma nova verdade, mas próximo de um estímulo subversivo da possibilidade de um simples ato de pensar; talvez, de um pensar simples, que possa tomar corpo por seu movimento de resistência. Não se deseja propor qualquer oposição; busca-se, simplesmente a possibilidade de escolha de poder resistir ao que está posto, ao que está estabelecido e previamente organizado através do aparelho de estado.

Ou seja, deseja-se criar uma possibilidade de estabelecer uma relação diferente com a vida, o que necessita implicar um conhecimento de si e do seu entorno, que seja potencializado em um cuidado na direção de perceber o como e porque cada um se torna o que é, homem e ambiente e, assim poder arriscar criar condições de possibilidades de experimentar um cuidado de si e um cuidado ambiental, que sejam singulares. Ressalta-se que o cuidado de si, que embora possa parecer um exercício de solidão, trata-se de uma atitude de prática social, aparecendo, “intrinsecamente ligado a um ‘serviço de alma’ que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (FOUCAULT, 2005, p. 59).

A resistência em questão, não busca encontrar respostas, tampouco soluções e, ainda menos, esquemas; a busca pela resistência reside no desejo da produção de novas

problemáticas. Não se trata de um guia de pensamento, e, sim de um investimento provocativo; um convite à suspensão do hábito de cair na tentação da certeza propagada; até mesmo, porque que de outro modo, ou seja, pelo mesmo modo, seria apenas mais um produto da matriz discursiva funcionando a serviço do próprio estado

Traz-se a problematização a necessidade de se poder pensar de uma maneira diferente, não para colocar alguma coisa no lugar de outra, mas, pelo desejo de resistir ao que está posto como condição única possível. Resistir enquanto atitude criativa, buscando uma política de resistência, não de oposição, a um fascismo travestido em discursos de um politicamente correto. Não se quer assumir ou criticar a proposição do outro, mas experimentar os encontros possíveis, afirmando posições por entre o que acontece na produção do território do cuidado ambiental contemporâneo.

Trata-se de uma busca de pensar com o fora, de movimentar os fios que ficaram soltos das discussões programadas e previamente resolvidas; algo muito distante de guias, roteiros e de manuais sobre ser o que é, e como se tornar ambientalmente correto. A estratégia, talvez resida, principalmente, na tentativa simples poder de resistir tecendo novas problemáticas. É um tentame de pensar no limite do pensamento. Sem ter verdades absolutas que assombrem; sem a proposta irrecusável de colocar algo no lugar.

São tantos questionamentos. E, de algum modo isso soa bem. Até, porque não se tentou buscar respostas e, sim, propor um jogo de questionamentos; um jogo que pudesse estimular o pensamento. Aliás, tarefa difícil, visto que o discurso, ele próprio, já se tem envolvido em histórias de captura. Procurou-se problematizar encontros e acontecimentos envolvidos em múltiplos conceitos, entrelaçados em ilimitados agenciamentos e em marcas, procurando um distanciamento da hegemonia propagada, não por oposição ou negação, mas por tensionamento e resistência. Procurou-se a experimentação de um simples exercício de perda de ingenuidade, tentando criar uma perspectiva de exterioridade dos discursos prontos, das verdades absolutas, das dicotomias de certo e de errado. Caso isso tenha produzido algum mínimo movimento de resistência e de efetivo pensamento, naquilo que faz sentido na vida e no ato de viver, então que seja, a possibilidade de outras problematizações vindouras.

REFERÊNCIAS

DE ARAUJO, Róger Albernaz. **MÁQUINA-MÉTODO: ensaios de um devir-metodológico**. In: BARREIRO, Crishtianny; CASTRO, Beatriz Helena. Narrativas de pesquisa em educação: teoria e prática. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2015.

- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34, 2010.
- _____, **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.
- _____, **Nietzsche e a Filosofia**. Editora Rio – RJ. 1976
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1 São Paulo. Editora 34. 2007
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 5 São Paulo. Editora 34. 1997
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro. 2008
- _____, **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996
- _____, **Governo de si e dos outros**. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2010
- _____, **Microfísica do Poder**. Edições Graal, 2000.
- _____, **O cuidado de si**. Edições Graal, 2005.
- GALLO, Sílvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. Disponível em <http://www.grupodec.net.br/ebooks/GalloEuOutroOutros.pdf> Acessado em março de 2015.
- GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas/SP. Editora Papirus, 2000.
- GUIMARÃES, Leandro. **Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a formação de sujeitos “verdes”**. In.: Anais do 4º SBECE, ULBRA, Canoas, 2011. P. 1-14
- LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. Cortez Editora. 2006
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J.A **Árvore do conhecimento – As bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001
- MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente: a gestão ambiental em foco: doutrina jurisprudência, glossário**, 10ª edição, São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2013
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Editora Civilização Brasileira. 2ª edição. Rio de Janeiro. 2011.
- REIGOTA, Marcos. **A EA frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza**. In.: Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 36, n. 2, maio/ago, 2010. P. 539-553.
- SAHTOURIS, Elisabet. **Gaia: do Caos ao Cosmos**. São Paulo, SP. Editora Interação. 1991
- SEABRA, Giovanni (organizador). **Educação Ambiental: conceitos e aplicações**. João Pessoa: editora da UFBP. 2013
- VIEIRA, Virginia Tavares e HENNING, Paula Corrêa. **A Crise Ambiental em evidência: análise do discurso foucaultiano – modos de fazer pesquisa em educação**. Revista FAEEBA. 2013.

Submetido em: 05-05-2015.

Publicado em: 30-05-2016.